

ARTES PLASTICAS

III Salão de Arte Moderna (III)

Por
WALTER ZANINI

Por certo, neste III Salão Paulista de Arte Moderna, não faltam uns poucos artistas que aceitam «os mandamentos políticos que desintegram a liberdade e a espontaneidade criadora» (a meia frase é de Lionello Venturi). São minoria, felizmente, e não chegam a perturbar. Não lhes cabe participação alguma no esforço retemperador que vai abrindo, nesta situação transitória da expressão artística de nosso tempo, perspectivas amplas para uma outra visão do mundo no dizer de Moholy-Nagy, conducente a uma vida de fisionomia nova e estabelecida interiormente e não por força de leis e decretos ou regulamentos burocráticos.

As correntes não-figurativas, deixadas por mestres como Kandinski, Malevitch, Mondrian e outros, trouxeram esta receptividade universal, que chega a indicar claramente um rumo, a caracterizar uma linguagem. Nenhum apódo, e geralmente vêm ele daqueles que já necessitam de bordão para não cair com sua velhice por terra, poderá reprimir este impeto generoso que, pelo sim pelo não nos vai dando uma nova concepção de visualidade, com reflexos imprevisíveis em nossa vida prática.

Pertencam eles — os não-figurativos — à confraria dos que dirigem o sentido de sua mensagem em presença de regras matemáticas e de uma metodologia, ou não — e valham destes recursos, por entendem melhor um clima de maior liberdade, digamos de um romantismo, há-os felizes nos resultados, este salão o demonstra individual e coletivamente.

Em verdade, tentativas frustradas não faltam aqui, como não rareiam nos da outra banda. Uma linguagem não nasce como cogumelo, nem se impõe de um baque. Na Mesopotâmia no Egito, na Grécia, em Bisâncio, jamais pode a arte crescer como um vegetal criptogamo. Assim não vamos exprobrar um artista só porque ele não acredita mais nas formas e cores da natureza e sim nas cores e formas que pertencem a ele mesmo, ao seu quadro. A arte abstrata está ainda na sua infância, mas as bases sólidas

deixadas por mestres como Kandinski, Malevitch, Mondrian e outros, trouxeram esta receptividade universal, que chega a indicar claramente um rumo, a caracterizar uma linguagem. Nenhum apódo, e geralmente vêm ele daqueles que já necessitam de bordão para não cair com sua velhice por terra, poderá reprimir este impeto generoso que, pelo sim pelo não nos vai dando uma nova concepção de visualidade, com reflexos imprevisíveis em nossa vida prática.

Dos que se apresentam, nessas condições, no III Salão, citemos o escultor Josef Weismann que nos dá o melhor trabalho concreto exposto, ou seja a sua "Composição de Dois Cubos", peça feliz pelo ritmo de suas linhas, pela multiplicidade dos aspectos oferecidos, pelas proporções e relações tão bem adequadas ao problema tetradimensional.

Toda a seção concretista, a nós nos pareceu quadrandando caminhos férteis de pesquisas, por vezes tão contrastantes (de um Geraldo de Barros a um Cordeiro; de um Saciloto a um Wollner ou Mauricio etc.).

Entre os abstratos, Douchez e Raimo, assim como numa outra latitude, Raimundo José Nogueira, o esforço criador não é nada menor e eles cooperaram para o êxito indiscutível deste III Salão Paulista de Arte Moderna.